

CHINA E EUA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL
ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA
NOVA ORDEM GLOBAL



EUA E CHINA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA NOVA ORDEM GLOBAL



INTRODUÇÃO

O estudo da disputa tecnológica entre China e EUA e o comparativo entre Taiwan e Congo revelam como o domínio da tecnologia tornou-se o principal instrumento de poder no século XXI. A rivalidade envolve agora o controle de cadeias produtivas estratégicas, recursos naturais essenciais e territórios fundamentais à manutenção da hegemonia global. A comparação entre países em seus níveis industriais e impactos sociais permite perceber como diferentes espaços geográficos tornam-se peças centrais em disputas internacionais. Os limites para garantir autonomia são curtos, e as negociações comerciais ultrapassam o princípio diplomático, resumindo-se em controle e contenção.

Para esta análise comparativa recorre-se à teoria realista clássica, a fim de compreender o pano de fundo da dinâmica entre os Estados analisados, e aos conceitos de Mahan (Choke Points) e Mackinder (Heartland), de modo a organizar o pensamento dos atores neste novo ambiente do pós-crise de 2008 e pós-pandemia de 2020, marcado pela exacerbação da disputa tecnológica entre EUA e China e pelo controle dos recursos das novas tecnologias — sobretudo IA, semicondutores, baterias e indústria de defesa.

Taiwan, Organização de Cooperação de Shangai (OCX), Rússia e Congo são elementos centrais para compreender como tecnologia, recursos naturais e geopolítica se conectam na dinâmica do sistema internacional contemporâneo. Diante deste panorama, este trabalho busca responder: como as teorias clássicas da geopolítica podem ser aplicadas para compreender o atual cenário de disputa tecnológica e transição energética entre China e EUA e seus impactos na reorganização da ordem internacional contemporânea?

EUA E CHINA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA NOVA ORDEM GLOBAL



CONTEXTUALIZAÇÃO

A disputa tecnológica entre China e Estados Unidos tornou-se um dos principais fatores de transformação da política internacional contemporânea. Nas últimas décadas, o avanço chinês em áreas estratégicas alterou o equilíbrio de poder global, pois a tecnologia passou a ocupar papel central na economia, na segurança e na influência internacional dos Estados. O que era uma relação de forte integração econômica transformou-se em rivalidade estrutural, baseada na competição por liderança tecnológica, controle de cadeias produtivas e domínio de setores essenciais ao século XXI. Essa mudança intensificou-se após a crise financeira de 2008: segundo análises do instituto alemão MERICS (2025), a estratégia chinesa de desenvolvimento industrial deixou claro que o objetivo do país não era apenas crescer economicamente, mas tornar-se uma potência tecnológica capaz de competir com o Ocidente em áreas de ponta.

Nesse contexto surgiu, em 2015, o programa Made in China 2025, que visava transformar o país em líder mundial em inteligência artificial (IA), robótica, telecomunicações, semicondutores, veículos elétricos e computação avançada, reduzindo a dependência de componentes estrangeiros e fortalecendo empresas nacionais (BARRIA, 2018). A tecnologia converteu-se em instrumento direto de poder geopolítico: países que dominam IA, produção de chips e infraestrutura digital detêm vantagens econômicas e militares. Os semicondutores tornaram-se centrais na disputa, por estarem presentes em celulares, computadores, satélites, automóveis, equipamentos militares e sistemas de comunicação, o que torna estratégicos o controle de sua produção e o acesso seguro a suas matérias-primas (SFA – OXFORD, 2026; WALDEN, 2025).

Tabela 1: Terras Raras e suas Aplicações na Indústria de Defesa

CONTEXTUALIZAÇÃO



MINERAL	APLICAÇÕES PRINCIPAIS	TECNOLOGIA	CATEGORIA
Berílio	Navegação ICBM, satélites	Navegação	Navegação
Titânio	F-35, motores, navios	Aviação/Marinha	Aviação/Marinha
Cobalto	Motor F-135, UAVs, stealth	Propulsão	Propulsão
Ítrio	Filtros radar, sonar	Radar/Sonar	Radar/Sonar
Neodímio	Ímãs radar, sonar, mísseis	Radar/Sonar	Radar/Sonar
Samário	Ímãs radar, sonar, hipersônico	Radar/Sonar	Radar/Sonar
Gadolínio	Sonar, submarinos nucleares	Sonar/Nuclear	Sonar/Nuclear
Lutécio	Deteção radiação gama	Deteção Nuclear	Deteção Nuclear
Lítio	Baterias UAVs	Energia	Energia
Grafite	Eletrônica, estruturas	Eletrônica	Eletrônica
Alumínio	Estruturas aeronaves	Estruturas	Estruturas
Gálio	Eletrônica RF	RF	RF
Germânio	Eletrônica RF	RF	RF
Praseodímio	Ímãs permanentes	Ímãs	Ímãs
Promécio	Energia longa duração	Energia	Energia
Európio	Eletrônica, iluminação	Eletrônica	Eletrônica
Térbio	Ímãs radar	Ímãs	Ímãs
Disprósio	Ímãs alta temperatura	Ímãs	Ímãs
Érbio	Fibra óptica, comunicações	Comunicações	Comunicações
Tântalo	Eletrônica, capacitores	Eletrônica	Eletrônica
Tungstênio	Alta temperatura, blindagem	Alta Temp.	Alta Temp.
Platina	Catalisadores	Performance	Performance
Nióbio	Superligas	Superligas	Superligas
Lantânio	Superligas	Superligas	Superligas

Fonte: Gráfico gerado pela inteligência artificial Manus com base em SFA-Oxford (2026)

Ao perceber a velocidade do avanço chinês, os Estados Unidos adotaram políticas agressivas de contenção. A partir de 2018, durante o primeiro governo Trump, ampliaram-se as sanções contra a China: empresas como a Huawei sofreram limitações de acesso a chips avançados, softwares e equipamentos de fabricação de semicondutores, e Washington pressionou aliados como Japão e Países Baixos a restringirem exportações de tecnologias estratégicas (FERREIRA, 2026;



CONTEXTUALIZAÇÃO

SEVASTOPULO, 2024). O objetivo estadunidense é evitar que a China alcance autonomia em áreas críticas como IA e semicondutores avançados. Entretanto, acadêmicos como a professora Jaya Y. Wen (2026) apontam que essas restrições aceleraram o desenvolvimento tecnológico chinês, já que Pequim passou a investir em produção doméstica e na substituição de fornecedores ampliando sua capacidade de fabricação de wafers e de componentes essenciais à indústria de chips.

A dimensão geopolítica da disputa evidencia-se também na aproximação entre China e Rússia. Após as sanções impostas a Moscou desde 2014 — intensificadas com a guerra da Ucrânia, em 2022 —, os russos fortaleceram a relação com Pequim, visando à construção de uma ordem internacional multipolar (SHAMING, 2026). Existe, ainda, competição direta pelo controle de recursos naturais estratégicos: a China leva vantagem por controlar grande parte do refino global de minerais críticos, o que preocupa Estados Unidos e Europa, sobretudo após restrições chinesas recentes demonstrarem que o controle de matérias-primas passou a ser usado como ferramenta geopolítica. Nesse cenário, países africanos como o Congo tornaram-se estratégicos por suas reservas minerais essenciais à indústria tecnológica, e ambas as potências ampliaram sua presença econômica e diplomática na região.

Localizada na Ásia Oriental e com mais de 1,41 bilhão de habitantes, a China possui trajetória marcada por expressivo desenvolvimento comercial: foi pioneira no estabelecimento de redes de intercâmbio, como a Rota da Seda — primeiro grande eixo comercial transcontinental do mundo. Ao longo dos séculos, perdeu protagonismo econômico devido a fatores internos e a mudanças na hegemonia global; no final do século XX, seus reduzidos indicadores socioeconômicos serviram de base para as reformas que impulsionariam sua reascensão.

No início do século XXI, China e Estados Unidos mantiveram relações bilaterais intensas e estáveis. Com a crise de 2008, houve deterioração, provocada pela queda econômica americana e pelo contínuo crescimento chinês: ainda no governo Obama, os EUA passaram a classificar a China como rival emergente, e os planos chineses de avanço tecnológico e de uma nova Rota da Seda tornaram-se empecilho à melhora do



CONTEXTUALIZAÇÃO

relacionamento. A fragilidade foi aprofundada pelo distanciamento diplomático e pelas sanções econômicas, atingindo o ápice durante o primeiro governo Trump, segundo Wang Jisi e Hu Ran (2019). Com o mundo globalizado, o domínio tecnológico consolidou-se como eixo fundamental dessa disputa hegemônica: para além da redução da dependência em relação ao Ocidente, a atuação chinesa caracteriza-se por uma estratégia de longo prazo de projeção de poder, concentrada na parceria com a Rússia, na relação assertiva com o Congo e nas movimentações em torno de Taiwan — principal palco da disputa tecnológica com os EUA.

Apesar do vasto desenvolvimento tecnológico chinês, sua indústria de semicondutores ainda não alcançou a sofisticação ideal, o que gera dependência crítica da produção taiwanesa. De acordo com o relatório mensal *Major Import Commodities in Quantity and Value*, da Administração Geral das Alfândegas da China (GACC), de maio de 2026, o principal item da pauta de importação chinesa são os circuitos integrados (65% do total importado) — categoria em que se inserem os semicondutores —, com valores superiores a 2,6 trilhões de RMB. Ao exercer influência sobre a infraestrutura da TSMC, o governo chinês ganharia vantagem decisiva na economia global, transformando uma disputa territorial histórica em controle sobre o futuro da computação de alto desempenho.

A expansão chinesa não se limita ao espaço eurasiático: inclui a projeção sobre o Congo, motivada principalmente pelos recursos naturais necessários à fabricação de tecnologia. Ao investir no país para garantir acesso a energia, minerais e matérias-primas — e ao transferir indústrias de baixo valor agregado e intensivas em mão de obra para o continente africano —, a China abre espaço em sua economia doméstica para setores de alta tecnologia e capital intensivo, aprimorando seu modelo de desenvolvimento e elevando sua competitividade. A articulação estratégica envolvendo Taiwan, Rússia e Congo visa, portanto, à construção de uma soberania sólida, prioritariamente tecnológica: ao buscar autossuficiência em semicondutores e segurança de recursos críticos, a China não almeja apenas crescimento econômico, mas a consolidação de uma soberania tecnológica capaz de desafiar a liderança



CONTEXTUALIZAÇÃO

dos EUA e redefinir o equilíbrio de poder na ordem internacional.

Essa dinâmica pode ser lida à luz do modelo sistema-mundo de Immanuel Wallerstein, segundo o qual o capitalismo global organiza os países em Centro, Semiperiferia e Periferia. O Centro reúne os países mais ricos e tecnológicos, com maior poder político e militar, influência global e capacidade de produzir bens sofisticados — chips, softwares e grandes avanços industriais; a Semiperiferia abrange países em desenvolvimento, com industrialização crescente, porém pressionada pelos comandos centrais, o que define sua instabilidade; e a Periferia reflete Estados de alta dependência externa, mais abertos à exploração econômica e com baixo crescimento tecnológico. Os Estados do Centro ditam o funcionamento econômico do sistema internacional e buscam evitar sua queda combinando economia e estratégia. A motivação dos EUA centra-se em sustentar seu modelo ideológico como dominante: a chegada pioneira à Lua, o desenvolvimento de armas nucleares e a criação de empresas como Microsoft e Apple posicionaram sua economia em termos estratégicos e ideológicos. A ascensão chinesa em IA, redes 5G e semicondutores passou a representar ameaça justamente porque a China, antes vista como semiperiférica, aproximou-se da centralidade norte-americana.

Movidos pela necessidade de dominar setores estratégicos, os EUA passaram a agir defensivamente: restrições comerciais, sanções a empresas chinesas — como Huawei e Xiaomi — e políticas de incentivo à produção tecnológica doméstica, combinando investimento estatal, protecionismo seletivo, estímulo ao setor privado, controle rígido de exportações e pressão sobre aliados. Esse fenômeno é conhecido como Nacionalismo Tecnológico — estratégia que visa a assegurar a supremacia americana em tecnologias críticas e a proteger a segurança nacional, ainda que possa gerar riscos para as duas potências. Associada a princípios geoeconômicos, essa lógica mostra como tecnologia e economia substituem, em algumas instâncias, o poder militar direto, embora o Estado siga se valendo dele para objetivos específicos.

Taiwan é uma ilha do Leste Asiático com aproximadamente 36 mil km² e cerca de 23 milhões de habitantes, dotada de economia altamente desenvolvida e integrada às cadeias globais de valor. Apesar do tamanho



CONTEXTUALIZAÇÃO

reduzido, ocupa posição central na economia mundial por sua liderança na produção de semicondutores avançados, insumos essenciais para telecomunicações, defesa, IA e eletrônicos de consumo. A TSMC (Taiwan Semiconductor Manufacturing Company), sediada na ilha, responde por grande parte da fabricação global de chips de alta performance, abastecendo empresas dos Estados Unidos, da China e de diversos outros países. A dependência internacional dessa produção ficou evidente durante a pandemia de COVID-19, quando interrupções logísticas afetaram a produção e a distribuição de chips e paralisaram cadeias produtivas inteiras, revelando a vulnerabilidade de um sistema no qual poucos polos concentram capacidades altamente especializadas — o que levou Estados Unidos e China a adotar estratégias de diversificação produtiva e segurança econômica.

Do ponto de vista geopolítico, Taiwan situa-se no chamado "primeiro arco de ilhas", cadeia que se estende do Japão ao Sudeste Asiático e é considerada fundamental para o controle militar e comercial do Pacífico Ocidental. A China reivindica Taiwan como parte de seu território, com base no princípio de "Uma Só China", enquanto a ilha opera como Estado autônomo, com sistema político democrático e instituições próprias, o que gera tensões constantes na região e a torna um ponto frágil da rivalidade sino-americana.

A partir da crise de 2008, os Estados Unidos passaram a investir na reindustrialização do setor de semicondutores e a impor restrições à exportação de tecnologias sensíveis à China. Nesse sentido, a aproximação com Taiwan tornou-se estratégica, envolvendo acordos comerciais, cooperação tecnológica e apoio político-militar, ainda que sem o reconhecimento formal de um Estado independente. A China, por sua vez, busca reduzir a dependência de semicondutores estrangeiros por meio de investimentos massivos em inovação e desenvolvimento doméstico, no âmbito do "Made in China 2025"; contudo, ainda enfrenta dificuldades para alcançar o nível tecnológico da TSMC na produção dos chips mais avançados, o que mantém sua dependência parcial de fornecedores externos.

A rivalidade em torno da ilha possui, ainda, implicações militares e diplomáticas: a intensificação de exercícios militares chineses em suas



CONTEXTUALIZAÇÃO

proximidades e o aumento da presença naval norte-americana na região indicam tensão crescente e, embora um conflito direto seja considerado custoso para ambas as partes, a possibilidade de escalada não pode ser descartada.

Taiwan, por fim, procura preservar sua posição internacional combinando inserção econômica global, parcerias estratégicas e autonomia política: como outros atores do cenário multipolar emergente, busca maximizar seu poder de barganha aproveitando a relevância tecnológica como instrumento de influência — posição que também a torna vulnerável a pressões externas, inserindo-a no centro de uma das disputas mais relevantes do século XXI.

O Congo é um dos maiores países da África, com território de 2.344.858 km², e um dos mais populosos, com 66 milhões de habitantes em 2009, distribuídos por diferentes etnias — algumas das quais governam países vizinhos, como Ruanda (tutsis), Burundi (hutús) e Uganda. O historiador brasileiro Paulo Fagundes Visentini (2010) estima que as principais riquezas naturais do país são cobalto, petróleo, diamantes, cobre e terras raras — estas últimas essenciais às baterias, às demais tecnologias da transição energética e aos semicondutores utilizados em softwares de IA. Abastecido majoritariamente pela Bacia do Rio Congo, o país possui relevantes áreas férteis e florestais, sobretudo no Sul e no Leste, onde se localizam grandes produções de cacau e café. Apesar da riqueza natural e mineral — ou talvez precisamente por ela — e de sua localização central, fazendo fronteira com nove países (República Centro-Africana e Sudão ao norte; Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia a leste; Congo-Brazzaville a oeste; Zâmbia e Angola ao sul), o Congo é alvo recorrente de intervenções de potências estrangeiras e de vizinhos.

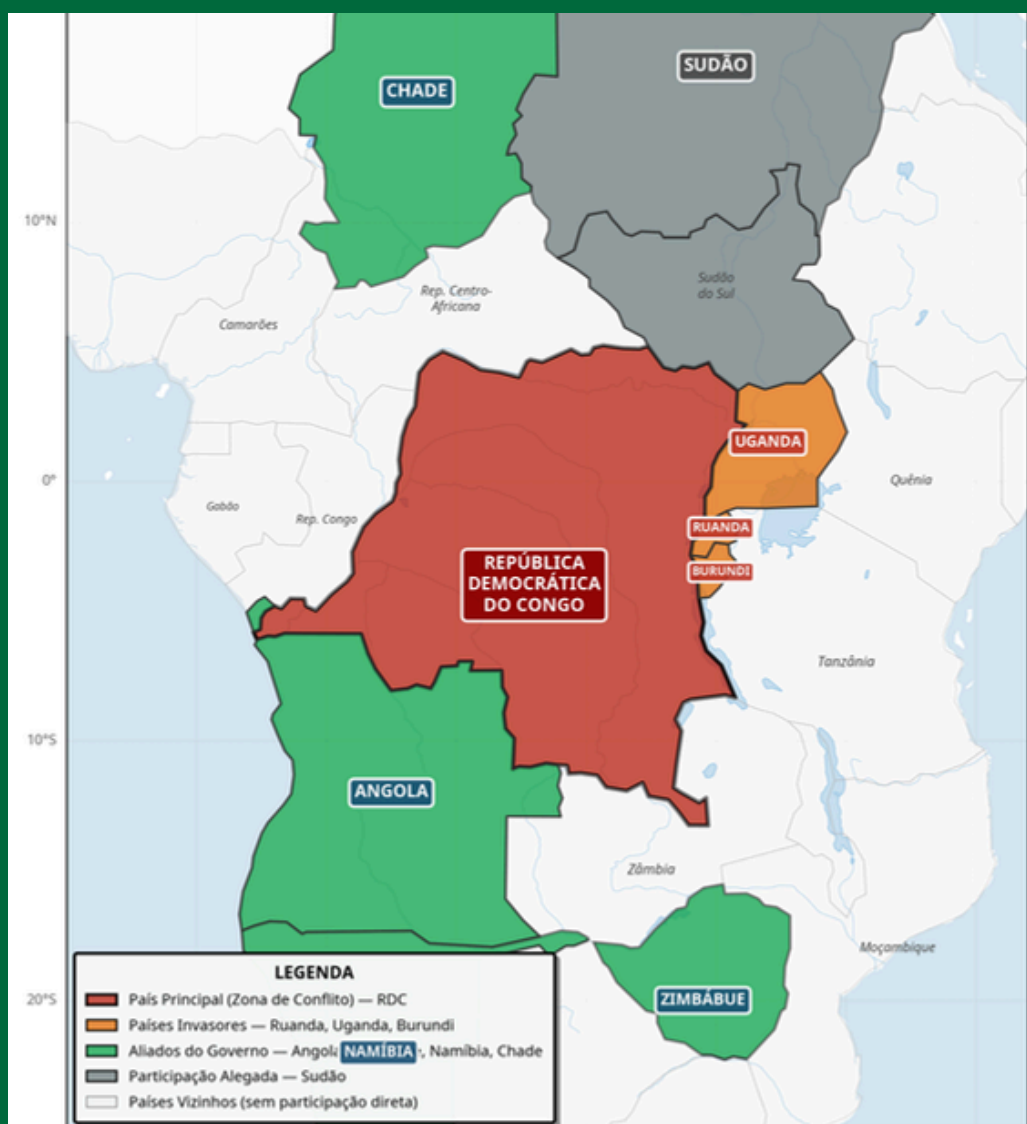
O país ainda se recupera de uma guerra civil traumática, que abalou sua já combalida infraestrutura e ceifou mais de 6 milhões de vidas, entre civis e militares. O conflito envolveu diretamente, via forças militares regulares, Angola, Zimbábue e Namíbia (aliados do governo congolês) e Burundi, Ruanda e Uganda (então inimigos), e, indiretamente, o apoio financeiro e militar a milícias étnicas — sobretudo tutsis, do lado agressor, e hutús e "mai mai" ("água", em suaíli, em referência a rituais pré-batalha), do lado defensor (SILVA, 2012). Silva (2012) também aponta que já



CONTEXTUALIZAÇÃO

naquela época se recorria à exploração dos recursos naturais para financiar os elevados custos do conflito, seja pela criação de joint-ventures multinacionais de exploração de jazidas de cobre e cobalto, envolvendo países aliados do governo, seja pela exploração direta exercida pelos grupos apoiados ou pelos próprios militares dos países agressores.

Imagem 1: Guerra Mundial Africana



Fonte: Imagem gerada pela Inteligência Artificial Manus com base em Silva (2012)



CONTEXTUALIZAÇÃO

Durante o governo de Joseph Kabila (2001–2019), que assumiu após a morte do pai — fato que contribuiu para o fim do conflito —, o país seguiu dividido e governado pelas facções beligerantes, absorvidas pela burocracia estatal, ainda segundo Silva (2012). O Estado perdeu o monopólio dos meios de coerção, e o governo perdeu a confiança de aliados, sobretudo Angola, por não conseguir encerrar os conflitos internos, mesmo com a cooperação militar da MONUC/MONUSCO, da ONU, permanecendo exposto a grupos apoiados por vizinhos, cujas tropas ainda ocupavam parcelas do território, em especial no Leste. A reforma nacionalista do código de mineração gerou revolta nas multinacionais ocidentais que operavam no país (ENGLEBERT e KASSONGO, 2022) e, diante da não realização de eleições — sob alegação de falta de recursos e de instabilidade interna, entre outras razões (BERWOUTS, 2019) —, o Congo foi sancionado pelos Estados Unidos, pela União Europeia e por organizações regionais como a União Africana e a SADC (Comunidade de Desenvolvimento da África Austral). Isolado internacional e regionalmente, o país buscou diversificar sua rede de aliados nas esferas econômica e de segurança, em especial com a China (TAYEBI, 2022) — o que lhe custou a concessão de draconianas benesses às empresas chinesas que aceitaram investir na exploração de seus recursos e em sua infraestrutura, enquanto o governo entregava valiosos ativos e acumulava dívida substancial com os chineses (GEENEN e MARYSSE, 2009). O governo atual, por fim, procura explorar a competição sino-americana em IA e transição energética para atrair capital produtivo, investimentos em infraestrutura e auxílio militar contra os grupos étnicos ainda atuantes no país (MELVILLE, 2025), além de negociar melhores termos para as concessões chinesas em solo congolês (ENGLEBERT e KASSONGO, 2022).

Exemplo dessa estratégia é o "Acordo do Século", que envolve parcerias público-privadas com empresas estatais chinesas para explorar as vastas reservas de cobalto e outros metais, escoando a produção para o Oceano Índico. A Rússia segue direção semelhante em energia, negócios e segurança — ainda que mais próxima do Congo-Brazzaville e de forma mais contida, devido a recursos limitados e ao foco na Guerra da Ucrânia. Fragmentado e politicamente instável, assolado por pobreza, desigualdade e desemprego, com população majoritariamente jovem e



CONTEXTUALIZAÇÃO

cerca de 23% de analfabetos, o país é afetado por grupos armados étnicos, como o M23 — liderado por tutsis e apoiado por Ruanda —, e por jihadistas ligados ao Estado Islâmico, além de ainda se recuperar dos efeitos recessivos da pandemia sobre sua mineração; mesmo assim, busca maximizar seu poder de barganha diante da multipolaridade.

Os chineses veem no Congo uma forma de diversificar operações comerciais e financeiras, preservar suas próprias reservas de terras raras e obter apoio diplomático e acesso a novos mercados. Para Christian Géraud Neema Byamungu, a China domina 60% da produção mineradora, mais de 85% da capacidade de refino e mais de 90% da fabricação de ímãs permanentes — concentração percebida como ameaça sobretudo durante a pandemia de COVID-19, quando obstruções nos portos dos poucos fornecedores paralisavam cadeias de suprimentos inteiras. A política chinesa de não intervenção em assuntos internos, somada à mera exigência da produção mineral como contrapartida a investimentos massivos, agrada ao governo congolês, que obtém recursos para reconstruir e desenvolver o país sem realizar as amplas reformas liberalizantes, políticas e econômicas, exigidas por investidores europeus e estadunidenses.

Os russos agem de modo semelhante, porém mais incisivos em segurança e defesa: em 1999, a Rússia teria firmado acordo militar de cooperação com autoridades congolêsas — nunca ratificado —, com novos esforços do governo congolês em 2018, inspirados pelas incursões diplomáticas russas no continente africano, que geraram acordos de energia e defesa em vizinhos como Moçambique e República Centro-Africana. A invasão da Ucrânia reduziu o ritmo dessas incursões, embora a última cúpula Rússia-África tenha ocorrido em 2023; especula-se, inclusive, que tropas ucranianas e russas se enfrentem indiretamente na África, dado o avistamento de bandeiras ucranianas entre grupos tuaregues separatistas no Mali, cujo governo é apoiado por Moscou.

Os EUA, por sua vez, precisam diversificar o acesso a minerais críticos para suas indústrias de IA e Defesa, após anos de dependência da China, que domina o beneficiamento desses insumos (19 dos 20 minerais críticos são beneficiados pelos chineses, responsáveis por 70% desse mercado). São exemplos dessa diversificação o Corredor de Lobito —



CONTEXTUALIZAÇÃO

linha férrea de 1.344 km que conecta as minas congoleesas ao porto angolano de Lobito —, a intenção declarada de estabelecer na África uma zona de livre comércio de minerais críticos, com linha de financiamento de 12 bilhões de dólares e preços tabelados, e a compra, em fevereiro de 2026, de 40% dos ativos minerais da suíça Glencore pela estadunidense Orion CMC, consórcio público-privado criado em outubro de 2025. Após relegarem o Congo a segundo plano desde os anos 2000, em razão dos elevados custos de produção e da legislação local desfavorável, os EUA voltaram a atenção à política do país, influenciando no esforço angolano de estabelecer, em 2025 e 2026, um acordo de paz entre o governo congolês e os rebeldes do M23, apoiados por forças ruandesas, em troca de um acordo envolvendo tais minerais.

Imagem 2: Ilustração dos Corredores Logísticos Chineses e Americanos no Congo



Fonte: elaborada pela Inteligência Artificial Manus com base nas fontes consultadas

Os congolese, todavia, exerceram papel ativo nessas negociações: interessa-lhes expandir parcerias internacionais, utilizando os EUA como



CONTEXTUALIZAÇÃO

fornecedor de armamentos, estabilizador dos conflitos internos e elemento de pressão para obter vantagens comerciais adicionais da China, que renegocia seus contratos de concessão mineral no país. Outros parceiros, como Emirados Árabes Unidos e Turquia — que chegou a considerar o envio de ajuda militar —, também são acionados para pressionar os chineses, ainda que o governo congolês tenha de abrir mão de somas importantes de seus recursos e de se resignar ao papel de mero fornecedor e transportador de minérios — o que já suscita críticas da África do Sul, defensora da regionalização do beneficiamento. Exemplo dessa estratégia é a concordância congoleza em negociar com os EUA o estabelecimento de reservas estratégicas de minerais críticos, o "Project Vault", semelhante à reserva de petróleo criada pelos norte-americanos em resposta ao primeiro embargo petrolífero, de 1973.

Em síntese, a tecnologia converteu-se em arma estratégica. Os EUA valem-se de sanções econômicas, restrições comerciais e controle de patentes e de empresas de tecnologia como instrumentos geopolíticos, enquanto a China reduz sua dependência externa por meio de políticas industriais massivas, investimentos em IA e expansão da Nova Rota da Seda. Para Pequim, o interesse nos minérios de outros Estados representa a construção de autonomia de longo prazo, assim como a reivindicação de Taiwan como território próprio — tudo se converte em ativo estratégico essencial à soberania chinesa e à redefinição do equilíbrio de poder na ordem internacional.

Imagem 3: Estreito de Taiwan

CONTEXTUALIZAÇÃO



Fonte: GOOGLE MAPS. Mapa da China e Taiwan. Disponível em: <https://maps.google.com>.



ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE

Optou-se pela teoria realista clássica porque o interesse desta análise é compreender o histórico das relações e traçar perspectivas de longo prazo entre os Estados nacionais considerados, em meio a uma dinâmica ainda indefinida de transição hegemônica, energética e tecnológica. Tais transformações devolvem importância à acumulação de recursos clássicos de poder — território, rotas comerciais estratégicas e recursos naturais —, enquanto o multilateralismo e as instituições erguidas no pós-Segunda Guerra, protagonistas nos anos 1990 e na primeira década do século XXI, parecem ter perdido espaço nas discussões atuais. Autores como Scholten (2023) e Stacciarini e Gonçalves (2025) definem o mundo atual como uma disputa pelo controle das novas tecnologias: transição energética, IA e sistemas militares avançados (mísseis supersônicos, robótica e cyberwarfare, por exemplo).

Começamos pela transição energética e seus efeitos sobre os Estados nacionais. Scholten aponta uma grave lacuna analítica para a compreensão da atual transição hegemônica: o conceito de "geopolítica energética" foi cunhado a partir da experiência internacional com os choques do petróleo e de seus efeitos sobre as cadeias de valor da época. Ainda assim, o autor defende ser possível analisar a racionalidade dos Estados no novo cenário. Compreendido o funcionamento do sistema energético baseado em renováveis, os países podem ser separados em quatro grupos: os que eram exportadores de combustíveis fósseis e se tornaram produtores e exportadores de tecnologias renováveis; os que eram importadores de combustíveis fósseis e se tornaram exportadores de energias renováveis; os que sempre foram e seguem sendo importadores de energia; e os que eram exportadores de energia e se tornaram importadores das tecnologias renováveis. Outro ponto importante é o funcionamento dessas fontes: enquanto o petróleo é recurso escasso e concentrado em regiões específicas — o que levou a geopolítica clássica a justificar o controle dessas regiões e de suas rotas de distribuição, para garantir acesso ou negá-lo a adversários, como elemento de aumento do poder estatal —, as energias renováveis têm caráter gerador mais "universalista", pois qualquer país pode produzir a própria energia sem depender de terceiros. A confecção de painéis solares, pás eólicas e baterias, porém, depende de um fluxo crescente de

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



terras raras, cujo beneficiamento para fins produtivos é dominado por poucos países, em especial a China, enquanto os demais possuem reservas, mas não capacidade tecnológica para utilizá-las industrialmente. Há ainda a escalada da IA. Stacciarini e Gonçalves (2025) apontam que o uso crescente dessa tecnologia, impulsionado pela perspectiva de maiores ganhos marginais de produtividade nos variados ramos da economia, implica demanda ainda maior de terras raras, necessárias a data centers e semicondutores — elementos de armazenamento e processamento de dados por poderosos softwares de análise. Outro complicador, segundo os autores, é o consumo energético desses sistemas: data centers já consomem 2% de toda a energia disponível no mundo — e 4% nos EUA, onde podem aproximar-se de 10% da demanda nacional em 2030. Daí a crescente atenção das grandes potências em assegurar tanto as matérias-primas presentes em regiões periféricas, marcadas por governos instáveis e dificuldades econômicas, quanto a energia de que a IA necessita, fornecida sobretudo por países periféricos. Essa renovada disputa pelo controle de territórios — para assegurar recursos naturais e energéticos ou negar seu acesso a terceiros — justifica a reinterpretação das teorias clássicas da geopolítica no atual cenário de transição hegemônica e tecnológica. Começemos por Mahan e o uso do poder marítimo em tempos de guerra e de paz, obra pioneira — ainda que também interpretada como uma aplicação ao meio naval dos princípios de Clausewitz sobre a guerra terrestre (JÚNIOR, 2017; VIOLANTE, 2015) —, posteriormente complementada pelas teorias de Mackinder e Spykman.

O almirante estadunidense Alfred Thayer Mahan, em "A Influência do Poder Marítimo na História (1660–1783)", publicada em 1890, buscou compreender a ascensão inglesa no cenário internacional: para ele, tal hegemonia deveu-se à primazia do Poder Naval inglês sobre o Poder Marítimo Comercial holandês, conquistada pelo estabelecimento de uma Marinha de Guerra nacional e profissional (JÚNIOR, 2017). Segundo Júnior (2017), o almirante centrou seu estudo em: I) demonstrar a importância do mar para a prosperidade das nações; II) formular princípios para a guerra no mar, observando-a desde a Antiguidade; III) despertar a classe política dos EUA para políticas públicas voltadas à constituição de uma poderosa

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



Marinha de Guerra nacional. Para isso, recorreu à análise empírica e à sistematização de princípios, comparando os embates entre os Poderes Naval e Terrestre em diferentes momentos da história, de modo a explicar a predominância inglesa sobre as demais potências que disputavam o controle do mar — e, portanto, de suas rotas comerciais e logísticas.

Júnior (2017) e Violante (2015) vão além ao descreverem a teoria, identificando que Mahan adotou a trindade clausewitziana — População (a vontade de lutar), Governo (que define o uso da força para alcançar dado objetivo político) e Forças Armadas (o elemento que atende a esses objetivos por meio da força) — para explicar a relação entre desenvolvimento econômico e projeção de poder. Em linhas gerais, o Poder Naval seria superior ao Terrestre porque as nações não são capazes de produzir tudo de que precisam e, portanto, dependem do comércio para obter suprimentos. Garantir o controle das rotas comerciais, estabelecendo presença em portos naturais, ilhas e posições costeiras estratégicas — os "choke points", ou pontos de estrangulamento —, viabilizaria o acesso seguro a itens críticos para um Estado e, ao mesmo tempo, os negaria a uma potência invasora.

Imagem 4: Choke Points



Fonte: Mapa indicativo das principais rotas comerciais do tempo de Mahan (incluindo o então em construção Canal do Panamá), elaborado



ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE

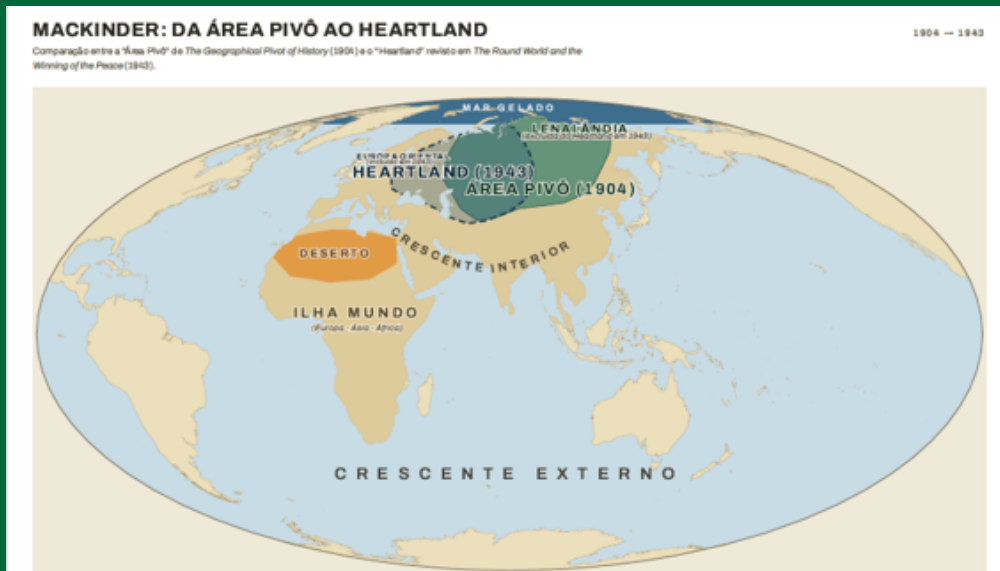
pela inteligência artificial Manus com base na teoria de Mahan contida em Violante (2015), acrescido dos estreitos de Ormuz, que corresponde a 22% do comércio mundial de petróleo (REUTERS, 2026), e de Málaca, que responde hoje por 40% de todo o comércio mundial, segundo Rapier (2026).

Outro ponto relevante da teoria é a indivisibilidade do mar — para além de sua natureza de via de movimentação de tropas, populações e mercadorias: ou um Estado é capaz de assegurar seu controle, ou outro o fará, lógica que dialoga com o realismo clássico das relações internacionais nos conceitos de mundo anárquico e equilíbrio de poder. Por fim, Mahan defende pontos também oriundos de Clausewitz que seriam retomados por Mackinder e Spykman, segundo Violante (2015): a importância do território, de seus recursos e do tamanho da população — sem os quais seria inviável construir navios mercantes para o comércio e poderosos navios de guerra para defendê-los, tampouco formar marinheiros para operá-los.

Mackinder publicou pouco depois sua obra maior, "O Pivô Geográfico da História", de 1904. Segundo Mello (2015) e Júnior (2017), o geógrafo divergia de Mahan quanto à supremacia do Poder Naval, embora reconhecesse que este reinou durante o período relatado pelo almirante. Para esses autores, o avanço das tecnologias, do saber técnico e da capacidade industrial durante a Revolução Industrial teria desequilibrado a disputa hegemônica em favor do Poder Terrestre, capaz de deslocar soldados pelo próprio território de forma rápida e barata e de construir com maior velocidade uma grande armada para projetar poder além das fronteiras e negar ao inimigo o acesso ao mar — ao contrário das potências insulares, que, como o próprio Mahan assumira, dependem mais do comércio externo para obter tais recursos. Mahan, contudo, alega que a mentalidade terrestre estimula fortemente o comodismo, enquanto a naval obriga o país a produzir intensamente o que mais precisa e a internacionalizar-se primeiro para buscar aquilo de que não dispõe (VIOLANTE, 2015).

Imagem 5: Mackinder: Da Área Pivô ao Heartland

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



Fonte: Mapa e legenda gerados pela inteligência artificial Claude com base em Mello (2015).

De toda forma, segundo Mello (2015), Mackinder também recorre ao empirismo histórico para sustentar a superioridade do Poder Terrestre: ao lado das grandes navegações europeias, citadas por Mahan, outro grande marco da humanidade foi a expansão terrestre rumo à Ásia Oriental realizada pelos russos, em busca de recursos e de acesso a águas quentes que viabilizassem novas expansões de território e influência. Foi essa expansão que assegurou à Rússia o status de grande potência, ao



ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE

garantir-lhe o controle de grande população e de vastos recursos naturais em uma área protegida, ao norte, pelo escudo dos mares gélidos do Ártico e pelos mares fechados do Mediterrâneo e Negro.

Em sua teoria — modificada da versão inicial, de 1904, até a final, de 1943 —, Mackinder afirma que o mundo se divide em macrorregiões, sendo a Eurásia a principal delas, por constituir uma região "inexpugnável", detentora de vastos recursos naturais e de grande população (MELLO, 2015). O crescente interno abrigaria zonas de transição entre os Poderes Naval e Terrestre, que tenderiam a enfrentar-se pela hegemonia da chamada Ilha Mundo — concentradora de quase toda a população e dos recursos naturais globais, bem como da maior parte das principais rotas comerciais: o Estado que a dominasse dominaria todo o resto, situado no crescente externo (América e Oceania).

Por fim, segundo Coutinho (2026), Mello (2015) e Júnior (2017), Spykman refina a teoria mackinderiana ao inferir que os principais confrontos entre os Poderes Naval e Terrestre ao longo da história ocorreram no "rimland" — toda a zona litorânea que circunda o "Heartland" —, principalmente por meio de coalizões entre os países da região apoiados pelo Poder Terrestre contra outra coalizão regional apoiada pelo Poder Naval. Controlar essa região interessa a ambos: ao Poder Terrestre, ela dá acesso a águas quentes para projetar seu poder econômico e militar além das fronteiras; ao Poder Naval, que já controla o comércio e o fluxo dos mares, dominá-la — ou ao menos negar seu acesso — é essencial para manter o poderoso adversário terrestre enclausurado em sua fortaleza inexpugnável.

Percebe-se, após essa breve análise, que o momento atual pode ser lido por meio desses autores: Mello (2015) e Júnior (2017) lembram que foram eles os responsáveis pela teoria de contenção soviética da Guerra Fria — estratégia que, segundo Coutinho (2026), vem sendo reaplicada contra a China na disputa tecnológica e comercial que hoje presenciamos. Essa perspectiva ajuda a entender por que o atual governo estadunidense parece mais engajado no cenário internacional e preocupado em estabelecer um fluxo seguro de terras raras para as novas tecnologias civis e militares: a única mina de terras raras dos EUA, a MP Materials, em Mountain Pass, Califórnia, exporta 80% de sua produção, pois o país não

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA ANÁLISE



possui capacidade de refino pesado desses recursos e tem limitada capacidade de refino leve (WALDEN, 2025) — ainda que planeje tornar-se autossuficiente, até 2027, na produção destinada à sua indústria de defesa, o que corresponde a apenas 5% de sua demanda total, segundo o mesmo autor. A China, por sua vez, reage a essa contenção criando rotas terrestres de comércio e logística, que lhe garantem acesso a insumos estratégicos, como combustíveis e alimentos, e aliviam sua vulnerabilidade aos choke points marítimos apontados por Mahan, dos quais depende seu comércio — sobretudo o Estreito de Málaca (BBC, 2026).

CHINA E EUA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA NOVA ORDEM GLOBAL



ANÁLISE DE RISCO

Internacional

A rivalidade entre China e Estados Unidos passou a gerar impactos que ultrapassam a esfera econômica e afetam diretamente a estabilidade da ordem internacional contemporânea. A disputa por liderança tecnológica, controle de cadeias produtivas e acesso a recursos estratégicos intensificou tensões políticas, militares e econômicas em diferentes regiões do mundo, especialmente no Indo-Pacífico e em áreas ricas em minerais críticos.

Um dos principais riscos internacionais associados a esse cenário envolve a vulnerabilidade das cadeias globais de produção tecnológica. Taiwan concentra parte significativa da fabricação mundial de semicondutores avançados através da TSMC, responsável pela produção de chips essenciais para inteligência artificial, telecomunicações, sistemas militares e infraestrutura digital. Essa dependência representa um risco estratégico, já que uma eventual escalada militar no Estreito de Taiwan poderia interromper cadeias produtivas globais e gerar impactos econômicos em larga escala.

Essa dependência levou ao conceito de “escudo de silício”, baseado na ideia de que a relevância econômica da ilha funcionaria como fator de contenção contra um conflito direto entre China e Estados Unidos. O termo foi popularizado pelo jornalista Craig Addison (2001), autor do livro *Silicon Shield: Taiwan's Protection Against Chinese Attack*. Segundo essa perspectiva, Taiwan utiliza sua liderança mundial na fabricação de semicondutores como uma forma indireta de proteção estratégica, já que um conflito envolvendo a ilha afetaria diretamente a economia e a indústria tecnológica global.

Além do risco econômico, o aumento das tensões no Indo-Pacífico também amplia riscos militares e diplomáticos. O fortalecimento da presença chinesa na região e a ampliação das alianças estratégicas lideradas pelos Estados Unidos aumentam a militarização regional e elevam as possibilidades de crises envolvendo Taiwan e o Mar do Sul da China. Em escala internacional, isso contribui para a fragmentação da ordem global e para o aumento das disputas entre grandes potências.

Outro ponto central dessa disputa envolve o controle de minerais estratégicos utilizados na produção de baterias, semicondutores e



ANÁLISE DE RISCO

tecnologias ligadas à inteligência artificial. Nesse contexto, a República Democrática do Congo tornou-se uma área estratégica devido às suas reservas de cobalto e outros minerais críticos. Atualmente, empresas chinesas controlam grande parte da exploração mineral congoleza, enquanto os Estados Unidos buscam ampliar sua presença econômica na região para reduzir a dependência das cadeias controladas pela China.

Entretanto, os riscos associados ao Congo ultrapassam a questão econômica. A instabilidade política no país, os conflitos armados no leste congolês e a atuação de grupos como o M23 aumentam a possibilidade de expansão regional da violência, especialmente devido ao envolvimento de países vizinhos, como Ruanda. Além disso, organizações internacionais e entidades humanitárias frequentemente denunciam violações de direitos humanos, deslocamentos populacionais e exploração da população civil em áreas de mineração. Dessa forma, a disputa por minerais estratégicos contribui para aprofundar crises humanitárias e instabilidades regionais já existentes.

Assim, os principais riscos geopolíticos identificados em escala internacional envolvem a vulnerabilidade das cadeias globais de tecnologia, a dependência de recursos estratégicos concentrados em regiões instáveis, o aumento das tensões militares no Indo-Pacífico e a ampliação de conflitos ligados à exploração mineral. A crescente competição entre China e Estados Unidos demonstra como tecnologia, segurança e recursos naturais passaram a ocupar posição central na reorganização da ordem internacional contemporânea.

Regional

Na região da Ásia, Taiwan se mantém como o epicentro global de semicondutores, o que faz com que a ilha seja o ponto central das estratégias de segurança e tecnologia de China e Estados Unidos, tornando-se o principal território de tensões entre as duas potências. Consequentemente, uma escalada nesse cenário pode inflamar a região do Indo-Pacífico.

A China busca consolidar sua influência e reafirmar sua soberania sobre o território, o qual considera parte de seu território. Por outro lado, os Estados Unidos apoiam a ilha militar e economicamente para garantir sua

ANÁLISE DE RISCO



autodefesa e mostrar uma ofensiva chinesa. Como reflexo disso, em 2025, o país norte americano aprovou uma venda histórica de mais de 10 bilhões de dólares em armamentos para Taiwan, consolidando-se como a maior negociação militar já feita entre os dois países. Isso para garantir sua autodefesa e evitar uma invasão chinesa, embora mantenham formalmente uma postura estratégica sem declarar apoio aberto à independência da ilha. Além disso, a crescente aproximação de Taiwan com parceiros ocidentais, como os EUA, a Austrália e a União Europeia, intensifica as preocupações da China e eleva o risco de um conflito aberto.

Dessa forma, desenha-se um cenário de profunda instabilidade na região. A militarização do Indo-Pacífico avança à medida que os Estados Unidos fortalecem suas alianças locais, resultando em um aumento nos gastos com defesa. A China, cuja frota total supera 300 navios de guerra, já mobilizou mais de uma centena de embarcações militares e de guarda costeira rumo ao Estreito de Taiwan. Os Estados Unidos, por sua vez, contam com uma força de projeção regional que ultrapassa 200 navios e um contingente superior a 300 mil militares no Indo-Pacífico.

Consequentemente, elevam-se os riscos de um conflito regional que provocaria um colapso no comércio internacional, uma crise desse tamanho prejudicaria diversos países pelo globo, visto que a China é o principal epicentro de exportações do planeta. Além disso, a interrupção no fornecimento de semicondutores o que afetaria o desenvolvimento de praticamente todos os setores industriais e tecnológicos dependentes desses componentes.

Além disso, na região africana, os principais riscos envolvem a extração de minerais estratégicos, principalmente na República Democrática do Congo. Esses recursos, essenciais para a fabricação de componentes eletrônicos e tecnológicos, dominam as exportações do país, em 2024, por exemplo, o Congo exportou mais de 2 milhões de toneladas de cobre.

Essa explosão na demanda internacional intensifica a presença de empresas e potências estrangeiras na região. Como consequência, acirram-se as disputas pelo controle das áreas de mineração, gerando tensões locais que correm o risco de se alastrar pelo continente, alimentadas por divergências políticas, econômicas e socioambientais



ANÁLISE DE RISCO

sobre a governança desses recursos.

A forte presença da China no território congolês amplia a visibilidade e a importância estratégica da África no sistema internacional. Esse movimento acirra a disputa por influência no continente, transformando-o em um dos principais palcos de competição geopolítica entre as grandes potências mundiais.

Doméstico

As disputas tecnológicas tendem a se tornar destrutivas em algumas instâncias, podendo ser grandes ou pequenas a depender da participação de um estado dentro de um conflito. Países com grandes concentrações de tecnologia e impacto cultural e social, por exemplo, podem sentir a densidade de um conflito através de problemas econômicos em baixa escala. Enquanto isso, a República Democrática do Congo e Taiwan sentem diretamente como a disputa por esses recursos estratégicos acabam por gerar impactos profundos em suas políticas internas e externas, por mais que seus diferentes contextos os coloquem em diferentes posições. Essas disputas por riquezas e tecnologias produzem altos riscos domésticos, tensões políticas e interferências externas. No Congo, o extrativismo mineral o levou a contrair seus maiores problemas internos. Apesar das grandes reservas de ouro, cobalto, cobre e outros minerais fundamentais, não existiam capacidades o suficiente para que esses bens desenvolvessem seu estado e sua população de forma autossuficiente devido ao excesso de exportações e, ao invés de promover um bom desenvolvimento social, a riqueza contribuiu para que surgissem conflitos internos, corrupção e violência armada. Muitos guerrilheiros rebeldes passaram a disputar pelas regiões de mineração com o intuito de financiar outras guerras e ampliar poder político, e além disso, a intensa presença de empresas estrangeiras com interesses nas mesmas matérias primas intensificam conflitos já existentes e, devido a essa falta de controle político sobre essas riquezas nacionais, o estado e seu povo são mantidos em um lugar de inviabilização e vulnerabilidade.

Já em Taiwan, o risco doméstico está relacionado à sua tentativa de ampliar a autonomia em relação à China. A China considera Taiwan parte de seu território e reage negativamente a qualquer movimento de



ANÁLISE DE RISCO

independência política. Ao mesmo tempo, Taiwan ocupa uma posição extremamente importante na economia mundial por liderar a produção de semicondutores através da TSMC. Esses chips são essenciais para setores como inteligência artificial, indústria automotiva, aparelhos eletrônicos e defesa militar.

Por isso, Taiwan se tornou um ponto estratégico na disputa entre grandes potências, principalmente entre China e Estados Unidos. A tentativa taiwanesa de reduzir sua dependência chinesa gera pressões diplomáticas, ameaças militares e instabilidade política, criando um ambiente constante de tensão. Assim, o risco doméstico taiwanês envolve a necessidade de equilibrar segurança nacional, soberania política e estabilidade econômica.

Os dois casos podem ser relacionados porque demonstram como a globalização e o capitalismo internacional transformam recursos estratégicos em instrumentos de poder e conflito. No Congo, a disputa ocorre em torno dos minerais necessários para sustentar a indústria tecnológica mundial. Em Taiwan, a disputa está ligada ao controle da tecnologia de ponta, responsável pela produção de chips. Em ambos os casos, a população sofre os impactos da dependência econômica e das disputas geopolíticas internacionais. Portanto, tanto o Congo quanto Taiwan revelam que a inserção de um território em cadeias globais estratégicas pode gerar não apenas crescimento econômico, mas também instabilidade política, vulnerabilidade interna e conflitos ligados aos interesses das grandes potências mundiais.

EUA E CHINA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA NOVA ORDEM GLOBAL



ANÁLISE DE CENÁRIO

Análise de riscos imediatos

De riscos imediatos, o que se pode esperar é a definição dos temas do que foi resumido no último encontro entre EUA e China ocorrido em maio. Péchi (2026) resume que a reunião se baseou em “B’s” (Boeing, Beef, Beans, Board) e “T’s” (Trade, Tariffs, Taiwan). Portanto, temas comerciais envolvendo aviões, agronegócio, inteligência artificial, terras raras, investimentos produtivos bilaterais e o status da ilha de Taiwan serão os temas basilares da agenda global entre EUA e China, e sua definição afetará a relação dos demais agentes analisados neste trabalho, pois buscarão manobrar conforme o desfecho desta agenda.

Análise de Cenários para os Próximos Cinco Anos

Cenário Otimista

Mudança de governo nos Estados Unidos, resultando em uma reaproximação americana com seus aliados europeus. A expansão chinesa é parcialmente revertida ou permanece onde está no cenário europeu. Consequentemente, as instituições do pós-Segunda Guerra se mantêm relevantes, e a China não consegue reformulá-las profundamente ou suas instituições próprias ainda seguem embrionárias. O dólar segue hegemônico, e China e EUA mantêm sua competição apenas no campo comercial e tecnológico, mas cooperam em temas multilaterais (transição energética, IA, por exemplo). Terras raras também passam a ter legislação multilateral para garantir o suprimento seguro enquanto se garantem as pautas de desenvolvimento dos países periféricos que as possuem (como o Congo). Taiwan segue sendo um território autônomo, ainda que não reconhecido diretamente pelos EUA. O cenário descrito se parece com a estratégia definida por Blackwill (2026).

Cenário mais provável

Intensificação do conflito econômico e tecnológico. O analista Raymond Kuo (2026) acredita que, mesmo que acordos pontuais sejam feitos em comércio e tarifas, os EUA já se mostram um parceiro não confiável, pois a administração Trump costuma renegociar acordos que já não lhe convêm. Os Estados Unidos seguem perdendo hegemonia



ANÁLISE DE CENÁRIO

financeira (MEIRA, 2026), mas ainda se mantêm relevantes, já que não é interesse chinês substituí-los pelo renminbi (YANG, 2026). Europeus se aproximam de Pequim no campo econômico, pois a China passa a produzir localmente (KYUNG e JAEHYUN, 2026) e a OTAN passa a se europeizar, optando por alternativas locais para a sua segurança, tais como o “JEF” — Joint Expeditionary Force — (THE ECONOMIST, 2026), enquanto os Estados Unidos passam a regionalizar os seus interesses e se mantêm polarizados na política interna. No campo da economia, a China, com sua política interna de geração e retenção de talentos e inovação tecnológica (MA, 2026), segue ocupando espaços deixados pelos EUA (FELTMAN, GARCÍA e JONES, 2026) através de sua política de investimentos e não intervenção em assuntos internos dos países e investimento em novas tecnologias, como IA e semicondutores (conforme anunciado em seu plano quinquenal). Os EUA e a China seguem competindo pelo acesso a terras raras, e os países periféricos, como o Congo, tentam se beneficiar desta rivalidade pressionando ambos por concessões que os auxiliem em seu desenvolvimento, visto que é reconhecido por Trump que um “choke point” no Congo na cadeia de fornecimento de cobalto pode afetar o fornecimento de baterias e mísseis tanto quanto o Estreito de Ormuz pode afetar o fluxo de petróleo (KUO, 2026). Taiwan sofre novas provocações da China, mas esta mantém sua autonomia, como foi mostrado na última reunião entre EUA e China, onde o tema não ganhou a mesma relevância que as pautas comerciais.

Cenário Pessimista

A disputa econômica e tecnológica migra para um confronto militar entre as potências, algo como Allison (2017) acredita ser o desfecho do processo atualmente em curso. O mais provável é que tenha início em Taiwan caso esse cenário se confirme, o que poderia se estender ao Mar do Sul da China, podendo inclusive haver anexação de Taiwan pela China, mediante pesadas perdas dos EUA, cenário que autores como Weichert (2025) afirmam ser difícil de reverter, ainda que autores como Neely (2025) afirmem que a ilha seguiria independente. Consequentemente, o mundo mergulharia em uma crise de estagflação, pois a China já possui capacidade de bloquear o Estreito de Taiwan caso deseje, segundo



ANÁLISE DE CENÁRIO

Weichert, e os EUA sofreriam pesadas baixas para tentar romper este bloqueio. Ou seja, caso a China resolva isolar a ilha, o mundo se encontraria em uma situação de desemprego elevado e aumento generalizado no custo de vida, dado o estrangulamento dos principais canais de escoamento de mercadorias essenciais, tais como os semicondutores taiwaneses e as terras raras chinesas (cujo processo de beneficiamento é fortemente dominado por eles). Mais ainda, Weichert afirma que a simples invasão da ilha daria à China o poder de interromper parte expressiva da oferta de semicondutores do mundo, dada a posição monopolística da TSMC no setor. Por fim, Neely (2025) também sinaliza para a grande instabilidade nos mercados financeiros, visto que a destruição física de infraestrutura e a escassez de componentes gerariam uma onda de pânico e uma apreciação cambial do dólar sem precedentes (fenômeno conhecido como “flight to safety”), seguida de uma contração monetária brutal, dado que a China buscaria vender o quanto antes os títulos de dívida pública de que dispõe dos EUA, visando livrar-se da inevitabilidade de um congelamento de seus ativos, como ocorreu com a Rússia após a invasão da Ucrânia.

O cenário de guerra pode se tornar ainda mais provável caso alguma das grandes potências enfrente crises internas. Desta forma, o conflito seria um elemento de distração da população para os problemas domésticos. Como problemas domésticos, podemos citar a situação na qual o mercado imobiliário chinês, que corresponde a 30% do PIB total do país, segundo Hoskins (2025), colapse, ou alguma outra crise de grandes proporções ocorra na China (por exemplo, jovens desempregados se revoltando). Catástrofe similar poderia ocorrer caso os EUA enfrentem um aumento acelerado e significativo de seu custo de vida, o que aumentaria a instabilidade política e social pela qual o país já passa, ou, ainda, ocorra o estouro de uma bolha econômica e financeira no segmento da IA, dada a escassez de matérias-primas e de capacidade física dos data centers e semicondutores frente à demanda por capacidade de processamento. Ainda sobre IA, Alves (2025) argumenta que a tecnologia é vista como um tipo de panaceia para a indústria pelo mercado financeiro, sendo que 80% dos ganhos no mercado acionário corresponderam apenas ao setor que desenvolve essa tecnologia.

ANÁLISE DE CENÁRIO



Consequentemente, dado o cenário de crise ocorrendo em uma ou em ambas as potências globais ou no cenário externo, os países periféricos, como o Congo, seriam forçados a assumir um lado, o que levaria muitos deles a amargar pesadas perdas econômicas e financeiras por dependerem dos EUA no campo da geopolítica, mas terem forte comércio com a China. No caso do Congo, além dos pesados custos de reaver as concessões do principal investidor do país (a China) na exploração de suas terras raras, os EUA teriam monopólio sobre seus recursos, o que limitaria a margem de manobra do país para extrair maiores empréstimos e investimentos para o elevado contingente de jovens (maioria da população) desempregados deste país devastado por anos de guerra civil. Tal cenário de recrudescimento econômico, dado o menor acesso a recursos externos, levaria a um maior risco de conflagração generalizada entre os diferentes grupos étnicos e sociais do país, o que poderia ter repercussões regionais dada a localização central do país, o que levaria a uma nova Guerra Mundial Africana / “Terceira Guerra do Congo”, que leva estes nomes devido ao envolvimento de relevante número de países no conflito, tais como Ruanda, Burundi, Uganda, Zimbábue, Chade, Líbia, Angola e Namíbia, e é assim citada por autores como Silva (2012).

Portanto, percebe-se que a instabilidade congoleza sempre causa repercussões nos países vizinhos, sejam crises migratórias ou violência transfronteiriça, segundo Papelos (2025). Para Taiwan, o cenário de recrudescimento econômico e geopolítico em sua fronteira levaria a uma ebulição social e à possível ascensão de grupos hostis a Pequim, revertendo, então, o sentimento de passividade da juventude taiwanesa perante os riscos de conflito, segundo Brown (2025). Um maior apoio dos jovens poderia aumentar a duração e a intensidade do conflito no curto e médio prazo, visto que são os jovens aqueles que compõem os exércitos nacionais. Consequentemente, a busca pela autonomia chinesa em semicondutores, já em curso, como se evidencia pelo anúncio recente da Huawei sobre a ambição de viabilizar a produção local de avançados chips de 1,4 nm até 2031 (FIGUEIREDO, 2026), seria acelerada e possivelmente outros players entrariam no segmento, possivelmente mediante cooperação tecnológica com a China, apesar de pressões contrárias.

EUA E CHINA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA NOVA ORDEM GLOBAL



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disputa tecnológica entre China e EUA estruturou-se como um dos principais eixos da ordem internacional contemporânea. A corrida pelo domínio da inteligência artificial e das tecnologias inerentes à transição tecnológica reconfigurou o eixo de prioridades das potências em questão. De um lado, os Estados Unidos necessitam diversificar os seus fornecedores de matérias primas para seguir digitalizando a sua economia, e para isso, necessitam de terras raras para produzir semicondutores e data centers, e energia e água abundantes para alimentar e resfriar esses sistemas de inteligência artificial. Nesta conjuntura, o controle territorial pregado pela geopolítica clássica volta aos holofotes, e países periféricos como o Congo possuem alguma janela de oportunidade para obterem concessões de EUA e China para desenvolverem os seus territórios, ainda que mediante a cessão de vastas quantidades de minerais e outras riquezas energéticas e hídricas. O cenário provável, conforme exposto anteriormente é o de aprofundamento da transição hegemônica enquanto as atuais instituições multilaterais se `significam` e aliados históricos dos EUA (Europa Ocidental, Canadá e México) se aproximam da China e os EUA seguem polarizados em sua política interna e focam seus interesses cada vez mais na região do hemisfério ocidental. Portanto, como se observa, caso o atual governo estadunidense continue a sua política de reindustrialização mediante ameaças contra seus aliados e recorrendo ao uso da força para resolver disputas, é cada vez mais provável que a China torne-se ainda mais influente no Sul global e consiga reduzir significativamente a sua dependência do comércio exterior e de estreitas rotas marítimas, bem como de tecnologias importadas para viabilizar o seu desenvolvimento.

EUA E CHINA

A DISPUTA TECNOLÓGICA E O PAPEL ESTRATÉGICO DE TAIWAN E CONGO NA NOVA ORDEM GLOBAL



REFERÊNCIAS

AFRIQUE INITIATIVE. La Russie et le Congo ont discuté des préparatifs du troisième sommet Russie-Afrique. Afrinz.ru, 17 abr. 2026. Disponível em: <<https://afrinz.ru/fr/2026/04/la-russie-et-le-congo-ont-discute-des-preparatifs-du-troisieme-sommet-russie-afrique/>>. Acesso em: 20 abr. 2026.

AGÊNCIA CHINA 2 BRASIL. China bate recorde de exportações em 2024 e ultrapassa US\$ 3,48 trilhões. Exame, São Paulo 31 jan 2025. Disponível em: <https://exame.com/economia/china-bate-recorde-de-exportacoes-em-2024-e-ultrapassa-us-348-trilhoes/>. Acesso em: 22 maio 2026.

ALMA PRETA. EUA intensificam disputa com a China por minerais estratégicos na República Democrática do Congo. África e Diáspora, 2024. Disponível em: <almapreta.com.br/sessao/africa-diaspora/eua-intensificam-disputa-com-a-china-por-minerais-estrategicos-na-republica-democratica-do-congo/>. Acesso em: 22 maio 2026.

ALVES, Ana Paula Branco. Crise de Trilhões: Quanto o Mercado Poderia Perder se Uma Bolha de Ações de IA Estourasse. Forbes Brasil, São Paulo, 25 nov. 2025. Disponível em: <forbes.com.br/forbes-money/2025/11/crise-de-trilhoes-quanto-o-mercado-perderia-se-uma-bolha-das-acoes-de-ia-estourasse/>. Acesso em: 25 mai. 2026.

AMIN, Samir. Beyond US Hegemony? Assessing the Prospects for a Multipolar World. [S. l.]: Zed Books, 2006.

BANCO MUNDIAL. Literacy rate, adult total (% of people ages 15 and above) – Congo, Dem. Rep. Fevereiro de 2026. Disponível em: <data.worldbank.org/indicator/SE.ADT.LITR.ZS?locations=CD>. Acesso em: 27 abr 2026. Acesso em: 27 abr 2026.

_____. République du Congo : Un Engagement Renforcé en Faveur des Réformes de Gouvernance Nécessaires à une Croissance Inclusive et Durable. 20 jun 2025. Disponível em: <www.banquemondiale.org/fr/news/press-release/2025/06/20/improving-commitment-to-promote-governance-reforms-to-boost-inclusive-and-sustainable-growth-in-the-republic-of-congo>. Acesso em: 28 abr 2026.

BANKABLE AFRICA. Copper: DRC's exports nears 3 million tonnes annually. Mining, [s. d.]. Disponível em: <bankable.africa/en/mining/1601-699-copper-drcs-exports-nears-3-million-tonnes-annually>. Acesso em: 22 maio 2026.

BARRÍA, Cecília O Ambicioso Plano Made in China 2025 com que Pequim



REFERÊNCIAS

quer Conquistar o Mundo.BBC.Londres, 8 mai 2018. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/internacional-44039447>.Acesso em: 28 abr 2026.

BARRUCHO,Luis.'O Dilema de Málaga': Por que Outra Passagem Crítica para a Navegação Gera Preocupação no Comércio Global. BBC Brasil. São Paulo, Brasil, 20 abr 2026. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/articles/clyOjp3ryjmo>.Acesso em:07 mai 2026

BBC NEWS. War in Ukraine. Londres, 2022. Disponível em: <www.bbc.com/news/war-in-ukraine>. Acesso em: 28 abr. 2026.

_____. 05 dez 2025. Disponível em: <www.bbc.com/news/articles/cgly1yrd9j3o>.Acesso em 28 abr 2026.

BERWOUTS, Kris. The Democratic Republic of Congo: The Great Electoral Robbery (and how and why Kabila got away with it). Egmont – Royal Institute for International Relations, Africa Policy Brief n. 25, Abr. 2019.

BLACKWILL, Robert D. America Revived: A Grand Strategy of Resolute Global Leadership. Council on Foreign Relations, jan. 2026. Disponível em: <<https://www.cfr.org/reports/america-revived>>. Acesso em: 24 mai. 2026.

BRASIL 247. Xi Jinping reforça aliança estratégica entre China e Rússia. 2024. Disponível em: <www.brasil247.com/mundo/xi-jinping-reforca-alianca-estrategica-entre-china-e-russia>. Acesso em: 28 abr. 2026.

BRASIL DE FATO. China e Rússia aprofundam parceria estratégica e manifestam preocupação com ações de 'Estados com armas nucleares'. 2024. Disponível em:<www.brasildefato.com.br/2025/05/08/china-e-russia-aprofundam-parceria-estrategica-e-manifestam-preocupacao-com-acoes-de-estados-com-armas-nucleares/>. Acesso em: 28 abr. 2026.

BROWN, Christopher. Young Taiwanese Aren't so Anti-China: That's a Problem for The Island Government. CBC. Toronto, Ontário, 15 out. 2025. Disponível em: <www.cbc.ca/news/world/taiwan-generational-divide-9.6937542>. Acesso em: 27 mai. 2026._____.

République du Congo : Un Engagement Renforcé en Faveur des Réformes de Gouvernance Nécessaires à une Croissance Inclusive et Durable. 20 jun 2025. Disponível em:<www.banquemondiale.org/fr/news/press



REFERÊNCIAS

release/2025/06/20/improving-commitment-to-promote-governance-reforms-to-boost-inclusive-and-sustainable-growth-in-the-republic-of-congo>. Acesso em: 28 abr 2026.

CÂMARA DE COMÉRCIO BRASIL-KAZAKHSTAN (CCBKA). Negócios. [s. d.]. Disponível em: <ccbka.org.br/index.php/negocios/>. Acesso em: 22 maio 2026.

CBCDE. Parceria estratégica entre China e Rússia reforça estabilidade internacional, afirma Putin. 2024. Disponível em:<cbcde.org.br/parceria-estrategica-entre-china-e-russia-reforca-estabilidade-internacional-afirma-putin/>. Acesso em: 28 abr. 2026.

CENTER FOR PREVENTIVE ACTION. Global Conflict Tracker: Conflict in The democratic Republic of Congo.18 de fevereiro de 2026. Disponível em: <www.cfr.org/global/conflict-tracker/conflict/violence-democratic-republic-congo>.Acesso em: 26 abr 2026

CENTER FOR STRATEGIC AND INTERNATIONAL STUDIES (CSIS). Balancing the Ledger: Export Controls on U.S. Chip Technology to China. Washington, D.C.: CSIS, 2024. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/balancing-ledger-export-controls-us-chip-technology-china>. Acesso em: 7 maio 2026.

CHIBELUSHI, Wedaeli; ZANE, Damian. What's The Fighting in DR Congo All About?. British Broadcasting Corporation. 05 de dezembro de 2025. Disponível em:<www.bbc.com/news/articles/cgly1yrd9j3o>.Acesso em 28 abr 2026.

CHINA. General Administration of Customs. Major Import Commodities in Quantity and Value (Monthly). Pequim: GACC, 2026. Disponível em: <http://english.customs.gov.cn/Statics/5bbc15c7-2159-422b-958c-8ad070e44e3d.html>. Acesso em: 30 abr. 2026.

CNN BRASIL. Qual o papel de Taiwan na relação entre EUA e China? Internacional, 16 mai 2026. Disponível em: <www.cnnbrasil.com.br/internacional/qual-o-papel-de-taiwan-na-relacao-entre-eua-e-china>. Acesso em: 22 maio 2026.

CONGRESSO NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Democratic Republic of Congo: Background and U.S. Relations. 25 de março de 2022. Disponível em:<www.congress.gov/crs-product/R43166>.Acesso em: 27 abr 2026.



REFERÊNCIAS

_____. Global Conflict Tracker: Conflict in Ukraine. 2024. Disponível em: <www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/conflict-ukraine>. Acesso em: 28 abr. 2026.

CONNOLLY, Richard. Russia's Response to Sanctions: How Western Economic Statecraft Is Reshaping Political Economy in Russia. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

COUNCIL OF FOREIGN RELATIONS. Eastern Congo: A Legacy of Intervention. 18 de abril de 2023. Disponível em: <www.cfr.org/articles/eastern-congo-legacy-intervention>. Acesso em: 26 abr 2026.

COUTINHO, Marco Antonio de Freitas. O Coração do Mundo Resurge: Mackinder, Brzezinski, Trump e a Disputa pela Eurásia na Transição da Ordem Global. Velho General. S.D. Disponível em: <velhogeneral.com.br/2026/06/10/o-coracao-do-mundo-ressurge-mackinder-brzezinski-trump-e-a-disputa-pela-eurasia-na-transicao-da-ordem-global>. Acesso em 02 jul 2026

DEPARTAMENTO DE ESTADO DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Strategic Partnership Between de Government of The United States of America And Democratic Republic of The Congo. 04 de dezembro de 2025. Disponível em: <www.state.gov/strategic-partnership-agreement-between-the-government-of-the-united-states-of-america-and-the-government-of-the-democratic-republic-of-the-congo>. Acesso em: 28 abr 2026.

ENGLEBERT, Pierre; KASSONGO, Jean-Purif. The Geopolitics of Resource Nationalism in the DRC: Comparing the Kabila and Tshisekedi Mining Codes and Foreign Partnerships. African Affairs, v. 121, n. 484, 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO. Terras Raras: Trump Assina Acordo de Minerais Críticos com Congo e Ruanda, que Ratificaram Acordo de Paz. Jornal o Estado de São Paulo. 04 de dezembro de 2025. Disponível em: <eixos.com.br/internacional/trump-assina-acordo-de-minerais-criticos-com-congo-e-ruanda-que-ratificaram-acordo-de-paz/>. Acesso em: 20 abr 2026

_____. Xi Jinping diz que laços com a Rússia são 'preciosos' no atual contexto geopolítico. Disponível em: <www.oliberal.com/mundo/china-xi-



REFERÊNCIAS

- jinping-diz-que-lacos-com-a-russia-sao-preciosos-no-atual-contexto-geopolitico-1.1110214>. Acesso em: 28 abr. 2026.
- FARINELLI, Victor. 'China e Rússia Respeitam Mais a África que Europeus' Diz Presidente Congolês. Opera Mundi.05 de maio de 2024. Disponível em:<operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/china-e-russia-respeitam-mais-a-africa-que-os-europeus-diz-presidente-congoles>. Acesso em: 26 abr 2026.
- FELTMAN, Jeffrey;GARCÍA, Diana Paz;JONES, Bruce. Who(se) Rules? Competing Concepts of Order in The Age of Trump. The Brookings Institution, Washington D.C.,18 mai 2026. Disponível em: <www.brookings.edu/articles/whose-rules-competing-concepts-of-order-in-the-age-of-trump/>. Acesso em: 20 mai 2026.
- FERREIRA,Laura . Guerra dos Chips: Países Baixos Contestam Restrições de Exportação dos EUA. Público. Lisboa, Portugal.25 jun 2026. Disponível em:<www.publico.pt/2026/06/25/enter/noticia/guerra-chips-paises-baixos-contestam-restricoes-exportacao-eua-2179408>.Acesso em: 28 jun 2026
- FIGUEIREDO, Ana Luisa. Huawei Anuncia Salto em Chips e Desafia Domínio da TSMC. Olhar Digital, 25 mai 2026. Disponível em: <olhardigital.com.br/2026/05/25/pro/huawei-anuncia-salto-em-chips-e-desafia-dominio-da-tsmc/>. Acesso em: 27 mai 2026.
- FILHO, Lauro Accioly. A batalha tecnológica entre Estados Unidos e China. Le Monde Diplomatique Brasil, 11 abr 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-batalha-tecnologica-entre-estados-unidos-e-china/>. Acesso em: 22 mai 2026.
- FRANCEZ, Pedro Augusto da Silva. Taiwan e a geopolítica dos semicondutores. Revista Conjuntura Internacional, Belo Horizonte, 2024. <https://periodicos.pucminas.br/conjuntura/article/view/31139>
- GAIDAR INSTITUTE FOR ECONOMIC POLICY. Monitoring of Russia's Economic Outlook: trends and challenges of socio-economic development. Moscow: IEP, 2025. Disponível em: <https://www.iep.ru/files/RePEc/gai/mreoen/mreoen-2025-31-1479.pdf>. Acesso em: 7 maio 2026.
- HIDAYAT, Muflih. China-US decoupling tensions: rare earth impact 2025. Mining News, 17 out 2025. Disponível em:<discoveryalert.com.au/china-



REFERÊNCIAS

us-decoupling-tensions-rare-earth-impact-2025>. Acesso em: 22 mai 2026.

HOJE MACAU. Cooperação: RD Congo e China assinam acordo no sector mineiro. Política, 30 mar 2026. Disponível em: <hojemacau.com.mo/2026/03/30/cooperacao-rdcongo-e-china-assinam-acordo-no-sector-mineiro>. Acesso em: 22 maio 2026.

HORA DO POVO. China e Rússia devem fortalecer cooperação estratégica, afirma Xi Jinping.15 abr 2024. Disponível em: <horadopovo.com.br/china-e-russia-devem-fortalecer-cooperacao-estrategica-afirma-xi-jinping/>. Acesso em: 28 abr. 2026.

HOSKINS,Peter. Evergrande: Como a Crise da Gigante Imobiliária Pode Afetar a Economia Mundial?. BBC, Londres, Reino Unido.25 ago 2025. Disponível em:<www.bbc.com/portuguese/articles/c1ejyyx795eo> Acesso em: 20 mai 2026.

IBMEC. Tensões crescentes entre China e Taiwan: saiba as principais análises do impacto no mercado mundial. Blog Ibmec, Notícias, 22 out 2025. Disponível em: <www.ibmec.br/blog/noticias/tensoes-crescentes-entre-china-e-taiwan-saiba-as-principais-analises-do-impacto-no-mercado-mundial>Acesso em: 22 maio 2026.

MF. International Monetary Fund Home Page. 2024. Disponível em:<imf.org>. Acesso em: 28 abr. 2026.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. O papel dos semicondutores no confronto entre EUA e China. São Leopoldo, 2024. <https://www.ihu.unisinos.br/658107-o-papel-dos-semicondutores-no-confronto-entre-eua-e-china>

_____. Para a China, Taiwan poderia desencadear um conflito com os EUA: eis por que a ilha é importante para Pequim. Notícias, 2024. Disponível em:<www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/666041-para-a-china-taiwan-poderia-desencadear-um-conflito-com-os-eua-eis-por-que-a-ilha-e-importante-para-pequim>. Acesso em: 22 maio 2026.

JAEHYUN, Cho; KYUNG-EUN, Choi.Chinese Automakers Bypass Tariffs via European Factory Deals.The Chosun Daily.Seul,26 mai 2026. Disponível em:<<https://www.chosun.com/english/industry-en/2026/05/25/I7RBSTJBWRDG7MM7PB4SZ5W3OE/>>.Acesso em 26 maio 2025



REFERÊNCIAS

- JAYA Y. WEN. How Us Trade Sanctions Fueled China's Innovation Surge. Harvard Business School. Massachusetts, Estados Unidos. 12 mar 2026. Disponível em: <www.library.hbs.edu/working-knowledge/how-us-trade-sanctions-fueled-chinas-innovation-surge>. Acesso em: 28 jun 2026
- KAMADAN, Yussuf. "Türkiye ready to support resolving dispute between Rwanda, DRC": Erdogan. TRT WORLD. 23 de janeiro de 2025. Disponível em: <www.trtworld.com/article/18257235>. Acesso em: 20 abr 2026
- KISSINGER, Henry. World Order. New York: Penguin Press, 2014.
- KUO, Raymond C. What Trump – Xi Summit Could Mean for US-China Relations. The Chicago Council of Foreign Affairs. Chicago, Massachussets. 11 mai 2026. Disponível em: <globalaffairs.org/commentary/analysis/what-trump-xi-summit-could-mean-us-china-relations>. acesso em: 20 mai 2026.
- KUO, Mercy A. Cobalt, Congo and China: Battery Power as Political Power. The Diplomat. Washington D.C., 1 abr 2026. Disponível em: <thediplomat.com/2026/04/cobalt-congo-and-china-battery-power-as-political-power/>> acesso em: 21 mai 2026
- LARSON, Jane; MACARTHUR, Sarah (org.). China: The Land and the People. [S. l.]: Mason Crest, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Ls-nKw-55HIC>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- LIDDLE, Richard. The Survival of the Fittest: Democratic Republic of Congo in a Post Covid World. Mining Review Africa, 7 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.miningreview.com/base-metals/survival-of-the-fittest-drc-in-a-post-covid-19-world/>>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- LIFFRAN, Olivier. Mines Contre Armements: La Dernière Carte de Félix Tshisekedi. Africa Intelligence. 05 de março de 2025. Disponível em: <francegenocidetutsi.org/MinesContreArmementsDerniereCarteDeTshisekediAIO5032025.pdf>. Acesso em: 26 abr 2026
- LIGODI, Patient. RDC-Rwanda: Comment Washington veut rattraper la Chine sur les Minerais Stratégiques et Kinshasa pour Tirer Profit. Radio France Internationale. 08 de abril de 2025. Disponível em: <www.rfi.fr/fr/afrique/20251208-rdc-rwanda-comment-washington-veut-rattraper-la-chine-sur-les-minerais-strat%C3%A9giques-et-kinshasa-en-tirer-profit>. Acesso em: 26 abr 2026.
-



REFERÊNCIAS

- LIMA, José Vicente de Bragança P. A ascensão da China como potência: desafios e oportunidades para o Brasil. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2011. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/902-Ascensao_da_China_como_Potencia_A.pdf. Acesso em: 30 abr. 2026.
- MA, Yingui. Why China is Winning in Tech and What the US is Overlooking. The Brookings Institution. Washington, D.C., 30 abr 2026. Disponível em: <www.brookings.edu/articles/why-china-is-winning-in-tech-and-what-the-us-is-overlooking/>. Acesso em 20 mai 2026.
- MARYSSE, Stefaan; GEENEN, Sara. Win-win or unequal exchange? The Case of the Sino-Congolese Agreements. *Journal of Modern African Studies*, v. 47, n. 3, 2009.
- MBEMBE, Achille. *Critique of Black Reason*. Durham: Duke University Press, 2017.
- MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault. *Foreign Affairs*, [s. l.], 2014.
- MEIRA, Rhyann de. China Acelera Expansão do Renminbi e Reduz Peso do Dólar no Comércio Global. *O Cafézinho*. 17 abr 2026. Disponível em: <www.ocafezinho.com/2026/04/17/china-acelera-expansao-do-renminbi-e-reduz-peso-do-dolar-no-comercio-global/>. Acesso em: 20 mai 2026
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida Mello. *Quem Tem Medo da Geopolítica?* Hucitec Editora. São Paulo, 2011. c.2,4
- MERCATOR INSTITUTE FOR CHINA STUDIES (MERICS). *Evolving Made in China 2025: China's industrial policy in the age of geopolitical rivalry*. Berlin: MERICS, 2025. Disponível em: <https://merics.org/en/report/evolving-made-china-2025>. Acesso em: 7 maio 2026.
- MELVILLE, J. Antony. Playing the Giants: The DRC's Hedging Strategy in the US-China Mineral Race. *African Studies Quarterly*, v. 24, n. 1, 2025.
- MONTEIRO, Flávio. US\$ 11 bilhões: EUA anunciam venda de maior pacote de armas da história para Taiwan. *Veja*. São Paulo, 18 dez 2025. Disponível em: <veja.abril.com.br/mundo/us-11-bilhoes-eua-anunciam-venda-de-maior-pacote-de-armas-da-historia-para-taiwan/>. Acesso em: 22 mai 2026.
- MORGENTHAU, H. *A Política Entre as Nações*. Editora UnB. Brasília, 2003.
-



REFERÊNCIAS

- c.1,3,4. Disponível em: <funag.gov.br/loja/download/0179_politica_entre_as_nacoes.pdf>. Acesso em: 05 mai 2026
- NEELY, Christopher J. Economic Effects of Potential Armed Conflict over Taiwan. St. Louis Federal Reserve. Saint Louis, Missouri, Estados Unidos. 26 fev 2025. Disponível em: <www.stlouisfed.org/publications/review/2025/feb/economic-effects-of-potential-armed-conflict-over-taiwan>. Acesso em: 27 mai 2026.
- NEVES, Ernesto. Crise de Energia Entra em Fase Crítica e Ameaça Arrastar Economia Mundial Para Recessão. Veja. São Paulo, 18 mai 2026. Disponível em: <veja.abril.com.br/economia/crise-de-energia-entra-em-fase-critica-e-ameaca-arrastar-economia-mundial-para-recessao/> Acesso em: 20 mai 2026.
- NOBRE, Marcos. Condicionalidades Periféricas: É hora de Uma Nova Teoria da Dependência. Phenomenal World. 26 set 2024. Disponível em: <www.phenomenalworld.org/pt-br/analises/teoria-dependencia/>. Acesso em: 22 mai 2026
- O CAFÉZINHO. China e Congo elaboram plano para investimento bilionário em infraestrutura africana. Internacional, 2025. Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2025/01/09/china-e-congo-elaboram-plano-para-investimento-bilionario-em-infraestrutura-africana/>. Acesso em: 22 maio 2026.
- O CAFÉZINHO. Estreito de Málaca Concentra 40% do Comércio Global e Vira Alvo de Disputa Geopolítica. N.D. 06 mai 2026. Disponível em: <www.ocafezinho.com/2026/05/06/estreito-de-malaca-concentra-40-do-comercio-maritimo-global-e-vira-alvo-de-disputa-geopolitica>. Acesso em: 28 jun 2026
- PAPELO, João. A RDC e a Fragilidade do equilíbrio Regional. Novo Jornal. Luanda, Angola. 26 dez. 2025. Disponível em: <novojournal.co.ao/opinioao/detalhe/a-rdc-e-a-fragilidade-do-equilibrio-regional-68915> Acesso em: 27 mai 2026.
- PÉCHY, Amanda. Os 4 Temas Espinhosos que Põem em Atrito os EUA de Trump e a China de Xi. Veja. São Paulo, 17 mai 2026. Disponível em: <veja.abril.com.br/mundo/os-4-temas-espinhosos-que-poem-em>
-



REFERÊNCIAS

- atrito-os-eua-de-trump-e-a-china-de-xi/>. Acesso em: 26 mai 2026.
- PIGEAUD, Fanny. Os Estados Unidos Querem Expulsar a China do Congo. Le Monde Diplomatique Brasil. 02 de março de 2026. Disponível em: <diplomatique.org.br/os-estados-unidos-querem-expulsar-a-china-do-congo/>. Acesso em: 20 abr 2026.
- RAMOS, Mauro. Organização de Cooperação de Xangai 2025: o novo centro de gravidade da Eurásia. Brasil de Fato, Pequim, 1 set. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/09/01/organizacao-cooperacao-xangai-2025/>. Acesso em: 7 maio 2026.
- RAPIER, Robert. Forbes Brasil. São Paulo, Brasil. 2 mar 2026. Disponível em: <forbes.com.br/geral/2026/03/alem-do-petroleo-o-estreito-de-ormuz-e-o-risco-alimentar-global>. Acesso em: 20 jun 2026
- REUTERS. China tightens rare earth export controls. Pequim, 9 out. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/china-tightens-rare-earth-export-controls-2025-10-09/>. Acesso em: 7 maio 2026.
- REUTERS. O que é o Estreito de Málaca e Por Que Ele Entrou em Foco Após a Crise de Ormuz. Londres, Inglaterra. 03 mai 2026. Disponível em: <www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-estreito-de-malaca-e-por-que-ele-entrou-em-foco-apos-crise-de-ormuz>. Acesso em: 28 abr 2026
- RFI. China consolida posição como maior força marítima do mundo e desafia Estados Unidos no Pacífico. UOL Notícias, 17 mar 2026. Disponível em: <noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2026/03/17/china-consolida-posicao-como-maior-forca-maritima-do-mundo-e-desafia-estados-unidos-no-pacifico>.. Acesso em: 22 maio 2026.
- SANDNER, Phillip. Como a África Está a Afirmar-se Globalmente, Apesar de Donald Trump. Deutsche Welle. 29 de dezembro de 2025. Disponível em: <[www.dw.com/pt-002/como-a- %C3%A1frica-est%C3%A1-a-afirmar-se-globalmente-apesar-de-trump/a-75327786](https://www.dw.com/pt-002/como-a-%C3%A1frica-est%C3%A1-a-afirmar-se-globalmente-apesar-de-trump/a-75327786)>. Acesso em: 26 abr 2026
- SANTOS, Felipe L. dos; SILVA, Maria A. da. A Parceria Estratégica China-Rússia no Século XXI: dimensões econômicas e geopolíticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 27., 2022, Uberlândia. Anais [...]. Uberlândia: Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), 2022. Disponível em: <enep.sep.org.br/uploads/1684_1647211645_Artigo_China-Russia_ENEP-
-



REFERÊNCIAS

- <_Com_identificacao_docx_pdf_ide.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- SCHOLTEN, Daniel. Introduction: The Geopolitics of The Energy Transition. In: Handbook of The Geopolitics of The Energy Transition. 2023
- SEVASTOPULO, Demetri. US and Japan Near Deal to Curb Chip Technology Exports to China. Financial Times. Londres, Inglaterra. 16 set 2024. Disponível em: <www.ft.com/content/3fa44901-33e4-4ab4-9f7b-efe1575a6553?syn-25a6b1a6=1>. Acesso em: 28 mai 2026
- SFA – OXFORD 2026. Critical Minerals in Defence and National Security. Oxford, Inglaterra. S.d. Disponível em: <www.sfa-oxford.com/knowledge-and-insights/critical-minerals-in-low-carbon-and-future-technologies/critical-minerals-in-defence-and-national-security>. Acesso em: 28 jun 2026
- SHAMING, Sarah. Multipolar World: What Xi and Putin Announced After Beijing Summit. Aljazeera. Doha, Catar. 20 mai 2026. Disponível em: <www.aljazeera.com/news/2026/5/20/multipolar-world-what-xi-and-putin-announced-after-beijing-summit>. Acesso em: 28 mai 2026
- SILVA, Igor Castelhana da. Congo, A Guerra Mundial Africana: Conflitos Armados, Construção do Estado, e Alternativas para a Paz. Editora Leitura XXI/CEBRAFRICA. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2012, e.1
- SOUSA, António Freitas de, Africa do Sul Critica o Congo por Assinar Acordo de Mineração com Os Estados Unidos. Sapo. In: Jornal Económico, 12 de fevereiro de 2026. Disponível em: <jornaleconomico.sapo.pt/noticias/africa-do-sul-critica-o-congo-por-assinar-acordo-de-mineracao-com-os-estados-unidos/>. Acesso em: 20 abr 2026.
- STACCIARINI, João Henrique Santana; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. Data Centers, Minerais Críticos, Energia e Geopolítica: As Bases da Inteligência Artificial. Sociedade e Natureza. Uberlândia, Minas Gerais. 03 de junho de 2025. v.37, e.77215.
- TAYEBI, Oussama. The Democratic Republic of Congo's foreign policy under President Tshisekedi: between ambition for reform and diplomatic drive. Policy Center for the New South, Policy Brief (PB-02/22), Jan. 2022.
- THE ECONOMIST. Europe's Secret Plan B to Replace Nato. Westminster, Londres. 19 mai 2026. Disponível em: <www.economist.com/europe/2026/05/19/europes-secret-plan-b-to-
-



REFERÊNCIAS

replace-nato>. Acesso em: 24 mai 2026.

_____. Por Que os Carros Ultrabaratos da China, como os da BYD, Estão Assustando a Própria China? Londres, 13 jul 2025. Disponível em:

<www.estadao.com.br/economia/carros-eletricos-china-assustam-china/>. Acesso em: 21 mai 2026.

U.S. INDO-PACIFIC COMMAND (USINDOPACOM). About USINDOPACOM. [s. d.]. Disponível em: <https://www.pacom.mil/about-usindopacom/>. Acesso em: 22 maio 2026.

VALADARES, M. Taiwan, semicondutores e a disputa hegemônica entre China e EUA. Estado de Minas, Opinião, 2026. Disponível em: <https://www.em.com.br/opiniao/2026/05/7423586-taiwan-semicondutores-e-a-disputa-hegemonica-entre-china-e-eua.html>. Acesso em: 22 maio 2026.

VIOLANTE, Alexandre Rocha. A Teoria do Poder Marítimo de Mahan: Uma Análise Crítica a Luz de Autores Contemporâneos. Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 223 – 260, jan./jun. 2015

VISENTINI. República Democrática do Congo. In: Diplomacia ao Alcance Todos: Coleção Países. Editora Thesaurus. Brasília, 2010.

WALDEN, Josey. The New Cold War: Rare Earths, AI, and Strategic Competition with China. American Security Project. Washington D.C. Estados Unidos, jul 02 2025. Disponível em: <www.americansecurityproject.org/the-new-cold-war-rare-earths-ai-and-strategic-competition-with-china>. Acesso em: 05 mai 2026.

WEICHERT, Brandon J. Taiwan May Already Lost to China. The National Interest, Washington D.C. 21 fev 2025. Disponível em: <nationalinterest.org/blog/buzz/taiwan-may-already-be-lost-to-china>. Acesso em: 27 mai 2026.

_____. Will Chinese Rare Earth Mineral Bans Cripple Taiwan's Chip Production?. The National Interest, Washington D.C. 5 nov. 2025. Disponível em: <nationalinterest.org/blog/techland/will-chinese-rare-earth-mineral-bans-cripple-taiwans-chip-production-bw-110525>. Acesso em: 27 mai 2026.

WORTZEL, Larry M. China's One-Sided Theory of Peace. Disponível em: <nationalinterest.org/feature/chinas-one-sided-theory-of-peace>. The National Interest, Washington D.C. 26 mai 2026. Acesso em: 27 mai 2026.

EUA E CHINA



REFERÊNCIAS

YANG, Stephanie. China Busca Fortalecer Renmimbi em Comparação ao Dólar. CNN, 04 fev 2026. Disponível em: <www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/analise-china-busca-fortalecer-renmimbi-em-comparacao-ao-dolar/>. Acesso em: 20 abr 2026.



FECAP

PESQUISA DESENVOLVIDA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA
"CONFLITOS INTERNACIONAIS E GEOPOLÍTICA
CONTEMPORÂNEA", DO CURSO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DA FECAP (2026.1)

BRUNA BERNARDINO
MARIO DEL FERRO
MAYARA CLEMENTE
NATALIA FONTINELE
RAFAELLA MELLO

JUNHO/JULHO 2026



